

EXPOSIÇÃO TÁTIL: UM PROJETO DE SENSIBILIZAÇÃO PARA AS DIFERENÇAS HUMANAS

Silvana Régia de Oliveira Lins; Maria Quitéria da Silva; Neiza de Lourdes Frederico Fumes

*Universidade Federal de Alagoas – UFAL
silvanaregia2004@yahoo@.com.br
quiteria.1000@hotmail.com
neizaf@yahoo.com*

Resumo:

O contato com alunos cegos e o desenvolvimento de materiais pedagógicos para estes propulsionaram a idealização do projeto da exposição tátil, que, por sua vez, foi o cenário para este relato de pesquisa. Este teve como objetivo compartilhar as concepções dos bolsistas acerca da participação no processo de construção da exposição tátil. Na análise de dados foi utilizada a análise de conteúdo. Este artigo trata-se de um relato autobiográfico dos bolsistas do Núcleo de Acessibilidade da Ufal (NAC) que participaram de todo o processo de construção desse projeto. O planejamento da exposição aconteceu, de forma colaborativa, a partir de discussões e reflexões que viabilizaram a definição dos objetivos, do formato, dos materiais para a confecção das peças idealizadas, como ainda a montagem propriamente dita. A exposição foi composta por figuras geométricas (planas e tridimensionais), um painel com os seis continentes, uma instalação com o planeta terra e seus movimentos e outra com o sistema solar, com diferentes texturas, tamanhos e cores. Todos estes componentes puderam ser manuseados pelos visitantes na condição de cegueira, para que pudessem ter a experiência da visita através do tato. Nos relatos autobiográficos, considerando a singularidade de cada bolsista, suas concepções acerca de sua participação no processo de construção da exposição tátil, apresentaram diversos aspectos tais como: aprendizagem, sensibilização, inclusão e formação docente. Por fim, constatou-se no discurso de cada bolsista que a construção da exposição foi além de uma produção pedagógica. Ficou estampado a satisfação que esse trabalho trouxe para cada um dos envolvidos.

Palavras-chave: Exposição, Reflexões, Textura, Cegueira, Tato.

Introdução

Lidar com a pessoa cega pode assustar, pois geralmente, não sabemos agir com essa realidade e que, de alguma forma e nem sempre conscientemente, a ignoramos. Sem experiência, a pessoa que enxerga sente dificuldade em lidar com a cegueira e percebemos que não é nada fácil mudar estas atitudes:

A pessoa cega pode desenvolver os demais sentidos se tiver oportunidade, de modo que o tato e o olfato podem ser percepções imprescindíveis no processo de conhecimento de mundo, muito embora tenha características particulares. Nunes e Lomônaco (2008, p. 120) explicam que “O tato é uma forma mais lenta de captação da informação devido seu caráter sequencial – por exemplo, o cego precisa percorrer uma mesa para conhecê-la, enquanto a visão permite uma identificação mais rápida”. Apesar desta particularidade, esta percepção precisa ser estimulada para que a criança com cegueira possa desenvolver o melhor meio de

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br
www.cintedi.com.br

lidar com os objetos e situações. Vale destacar que o desenvolvimento do tato e do olfato não se dá de forma automática e precisa da intervenção para se estruturar como um canal de apropriação do mundo.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, na tabela 5755¹ de 2013, 3,6% da população brasileira declararam ter algum tipo de deficiência visual. Considerando um intervalo de confiança de 95%, esse número chega a 7.800.000.

Diante desses dados, percebemos que precisamos qualificar os professores e os demais atores da comunidade escolar para que as pessoas com deficiência visual possam ter oportunidades igualitárias, e ao mesmo tempo faz-se necessário uma conscientização que somos seres heterogêneos e, por isso, não podemos homogeneizar as necessidades e as formas de aprendizado para diferentes sujeitos.

Assim, nós que fazemos parte do grupo de bolsistas, que atua no Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Alagoas (NAC), observamos ao longo dos acompanhamentos com os alunos da graduação e da pós-graduação, que possuem deficiência visual, a necessidade de ouvirmos de cada um deles a melhor maneira para confeccionarmos os materiais que os mesmos precisavam para desenvolver suas atividades acadêmicas.

Esta escuta permitiu-nos perceber a singularidade que cada um demanda para que sua aprendizagem aconteça, o que não é diferente das outras pessoas. É necessário respeitar a “individualidade e as necessidades de cada um, bem como seus diferentes estilos de aprendizagem [...]” (SILVA, 2013, p. 62). Todavia, a educação formal destaca os alunos que se enquadram em seus parâmetros educativos e valoriza os méritos obtidos individualmente. Isto pode ser melhor entendido pelo fato de:

[...] as escolas são [serem] vistas como sendo instituições basicamente meritocráticas. Elas favorecem uma mobilidade generalizada entre grupo e indivíduos da população. Qualquer fracasso em termos de mobilidades, qualquer falta de “êxito”, é definido como sendo carência do indivíduo ou grupo que fracassou (APPLE, 1989, p. 57).

O autor nos faz refletir sobre os méritos que são implantados nas instituições escolares, que levará o discente a alcançar êxito ou fracasso, dependendo de sua capacidade individual. Analisando esse recorte e levando-o para o campo da deficiência visual, iremos nos deparar com as dificuldades que essa temática ainda transcorre no cotidiano, com muitas dúvidas e incertezas. Entretanto, ter uma pessoa cega em sala de aula é uma realidade que requer uma maior conscientização da comunidade escolar, não apenas no sentido de mudança de expectativas, como também para viabilizar recursos e estratégias que possam fomentar o

¹. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5755>>. Acesso: 19/06/2018.

empoderamento destes sujeitos, o que poderá dar-lhes maior segurança e estímulo para que possam seguir seus sonhos.

E isso não se constrói facilmente, pois exige, por exemplo, de todo educador: mudança de postura pedagógica, reformulação de representações de práticas educacionais excludentes, predisposição para a aprendizagem, formação permanente e o exercício de pensar criticamente a própria prática (SILVA, 2013, p.62)

A mudança de postura pedagógica requer que aconteça uma desmistificação do que seja a pessoa cega. A aproximação e as práticas, desenvolvidas juntamente com esses sujeitos, é uma grande oportunidade de aprendermos como interagir de forma mais assertiva e ao mesmo tempo de nos desligar de conceitos pré-estabelecidos historicamente. “[...] Entendemos que a falta de visão não impede ao ser humano de continuar a ver o mundo, embora de forma subjetivamente diferente” (SILVA, 2013, p.63).

Sobre sonhos, Jacques Lusseyran (1924-1971) professor do Hollins College, na Virgínia, e no Western Reserve University, em Cleveland/Ohio, que ficou cego próximo ao seu aniversário de oito anos, em sua autobiografia, diz que: “gostava de sonhar, mas sonhar com palavras, com gestos, sonhar correndo, saltando, reunindo outros seres em volta dos meus sonhos” (LUSSEYRAN, 1995, p. 64).

Fazer parte de diferentes grupos e com eles poder interagir de maneira fluida é algo que todos desejam para sua vida. Ao abrimo-nos a essa possibilidade, poderemos perceber que pouco a pouco as barreiras atitudinais poderão ser superadas, pois a aprendizagem com o que até então nos era “desconhecido” será desvelado. Com isso, passaremos também a ser atores da quebra de velhos paradigmas.

Nossos problemas são sistêmicos, cada um deles sendo produzidos pelos outros. Cada aspecto do processo social no estado e na política, na vida cultural, em nossos modos de produzir, distribuir e consumir serve para afetar as relações dentro dos outros (e entre eles) (APPLE, 1989, p. 20)

Apple (1989) ainda provoca outras reflexões sobre nossas ações que muitas vezes são naturalizadas. É importante que estejamos atentos para nossas próprias práticas no cotidiano, como por exemplo, não nos anteciparmos para “ajudar” uma pessoa com deficiência, sem antes lhe perguntar se ela precisa de ajuda e qual seria. Por sermos um organismo sistêmico, não podemos viver na crença de que as ações individuais não afetem ao todo. Partindo desse princípio, percebemos a importância de buscarmos diferentes maneiras a fim de que possamos transpor nossas dificuldades e/ou desconhecimentos diante da interação com a pessoa cega.

Nossas vivências e experiências com os trabalhos do NAC-UFAL nos levou refletir, individual e coletivamente, sobre como poderíamos contribuir na superação deste desconhecimento e de estigmas. Também temos constatado que a cada trabalho realizado para os graduandos cegos, dos diferentes cursos do nosso campus, há sempre a possibilidade de aprendermos um pouco mais em cada troca de ideias, informações, materiais etc., para que a cada material concluído seja da melhor qualidade possível.

Não queremos dizer que este processo seja sempre pacífico e estamos sempre acertando, mas sim, que estamos sempre pesquisando e descobrindo novas possibilidades. Com esse olhar, temos buscado desenvolver ações que possam se expandidas para além dos espaços acadêmicos e foi assim que nasceu a exposição tátil “O Mundo em nossas mãos”. Esse projeto caracteriza-se em construir e expor recursos pedagógicos, inteiramente táteis, para que pessoas normovisuais possam vivenciar a exposição na condição de cegueira, e perceber como a pessoa cega apreende o mundo através do tato.

Nessa perspectiva esse trabalho teve o objetivo de compartilhar as concepções dos bolsistas acerca de sua participação no processo construção da exposição tátil.

Metodologia

Este trabalho se constitui num relato autobiográfico. Em que os bolsista do NAC deram seus depoimentos enquanto estavam produzindo a exposição tátil. Os depoimentos foram filmados por celular, em que cada participante declarou suas concepções acerca da sua participação no projeto.

- Participantes e local

Participaram dos relatos oito bolsistas do NAC-Ufal que se dedicaram na discussão, planejamento e execução da exposição tátil, bem como na documentação de imagens e nas entrevistas com o visitante.

Todo o trabalho referente à exposição foi realizado na UFAL, na sala do NAC. A exposição “O Mundo em nossas mãos” foi aberta à visitação numa sala fechada do subsolo da Biblioteca Central desta universidade.

- Coleta dos depoimentos dos bolsistas participantes

Todos os bolsistas que estiveram envolvidos no processo de construção da exposição deram seu depoimento, gravado durante o processo de construção da exposição através de vídeo, e que foram transcritos para compartilharmos neste trabalho.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

- Procedimentos de Análise dos Dados

Para a análise de dados utilizamos a análise de conteúdo, definida como,

É um conjunto de técnicas e análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2011, p. 48).

Silva e Fossá (2015, pp.3-4) explicam que esse processo de análise se constituiu em três fases:

A primeira fase ou de **pré-análise** constituída por:

- a) Leitura flutuante: é o primeiro contato com os documentos da coleta de dados, momento em que se começa a conhecer os textos, entrevistas e demais fontes a serem analisadas;
- b) Escolha dos documentos: consiste na definição do *corpus* de análise;
- c) Formulação das hipóteses e objetivos: a partir da leitura inicial dos dados;
- d) Elaboração de indicadores: a fim de interpretar o material coletado;

A segunda fase ou de **exploração do material** foi realizada a partir do texto das entrevistas, em que foi recortado em unidades de registro (palavras, frases, parágrafos), agrupadas tematicamente em categorias iniciais, intermediárias e finais, as quais possibilitam as inferências.

A terceira fase compreende o tratamento dos resultados, inferência e **interpretação**. Consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado (entrevistas, documentos e observação).

Resultados

A produção e a realização da exposição tátil

O projeto teve início com a discussão das temáticas que poderiam ser abordadas, que pudessem trazer contribuições significativas para os nossos visitantes e que se motivassem a sua multiplicação. Após avaliarmos as diferentes sugestões, decidimos começar os trabalhos com a confecção das formas geométricas (planas e tridimensionais). A seguir, fizemos a montagem de um painel (1,60m de altura e 2,20m de largura) com o mapa mundi, de uma instalação com o planeta terra (para que fosse feitos os movimentos de rotação e translação) e outra o sistema solar. Com essa configuração nasceu a exposição tátil “O Mundo em nossas mãos”.

A organização da visita à exposição foi discutida com o grupo e foi decidido que seria importante os visitantes estar vendados para fazer o percurso e ser guiados por um dos bolsistas.

A vivência é baseada na experiência tátil, de modo que os visitantes possam explorar as peças expostas a partir da sensibilização do toque.

A visita inicia-se pela exploração das formas geométricas planas e tridimensionais, de modo a reconhecê-las, percebendo que as formas estão presentes em tudo à nossa volta. Seguindo o fluxo, o visitante será levado ao painel do mapa mundi, onde os continentes estão dispostos em diferentes texturas. Na etapa seguinte, usando a imaginação e a concretude, o visitante irá dar uma volta com o “planeta Terra em suas mãos” - o globo possui as mesmas texturas do painel - e, com o auxílio de um piso tátil o visitante irá conhecer e vivenciar os movimentos de rotação e translação da Terra. Finalizando o percurso, o visitante será levado ao sistema solar, onde os planetas serão conhecidos através da sensibilização de seus sentidos. Ainda vendado, o visitante falará das suas impressões sobre a exposição. Finalmente, a venda poderá ser retirada e o participante poderá ver o que experienciou com o tato.

Assim, usamos diferentes texturas para que o sentido tátil fosse bastante estimulado, pois, pensamos na possibilidade de “[...] desmistificar a cegueira, rever posturas, atitudes e concepções de no sentido de desvincular o ver do conhecer” (DOMINGUES, 2010, p.29). Sob essa ótica, nossa orientação a cada pessoa, é que a visita seria totalmente tátil.

A concretização desse projeto nos rendeu muitos aprendizados e muitas horas de trabalho repletas de trocas de ideias e permitiu-nos entender que as formas e as texturas eram importantes na confecção de materiais para as pessoas cegas, mas que também as cores deveriam estar presentes, pois não devemos inferir que por não ver, que a pessoa com deficiência visual viva num mundo em preto e branco.

Considerando todo o processo, a seguir observamos nas declarações dos bolsistas apoiadores do NAC, sujeitos participantes desse trabalho, seus aspectos formativos, sua subjetividade, em que envolve a sua constituição histórica e sua vivência. Assim, seus pensamentos foram verbalizados nos depoimentos realizados durante a construção da exposição tátil “O mundo em nossas mãos”, reportando seus motivos e anseios para a realização desse projeto. A seguir temos os depoimentos dos sujeitos referidos.

A bolsista S. L. estuda Pedagogia e que iniciou no Nac em 2014 declarou:

Sensibilização para a inclusão

[...] é uma oportunidade de aprender de uma forma mais sensível, da gente poder ver a oportunidade de aprender e proporcionar também outras

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

possibilidades. E também, a gente queria ver a reação do público, porque nosso objetivo é que o maior público de pessoas, seja da educação, tenha oportunidade de vivenciar a exposição na condição de cegueira, essa é a nossa proposta.

M. Q., estudante de Educação Física - Licenciatura, faz parte do Nac desde 2015, relatou:

Recurso pedagógico inclusivo

Participar dessa construção de um recurso inclusivo que vai poder incluir todos é muito gratificante, e saber que os professores que vão participar, vão compreender que é possível criar estratégias, criar recursos para que inclua todos. [...] tou aprendendo que o sujeito, ele é capaz, ele aprende senão pela visão, mas outros meios [...], outras vias, outros mecanismos que faz com que ele possa apreender o mundo.

F. C. estudante de Educação Física-Licenciatura, bolsista do Nac desde 2016, avaliou:

Formação para inclusão

Está sendo muito gratificante e ao mesmo tempo algo novo, onde me faz até olhar e aprender capacidades, formas de pensar, que muitas vezes eu não achava que iria ter. Eu acho que eu só tenho a ganhar e a aprender, muito mais do que produzir, eu acho que traz esse ganho muito grande, não só para nossa vida acadêmica, mas na nossa vida também, como profissional.

Discussão

A inclusão da pessoa com deficiência é o que se visualiza no cerne dos depoimentos reportados nos resultados, visto que o projeto em construção percorre para esse meio. Sobretudo, quando essa vivência, por inclusão, faz parte da formação desses sujeitos, como foi mostrado no relato autobiográfico.

Com esse sentimento de querer promover a inclusão e, ao mesmo passo que se aprenda com os desafios enfrentados para a concretização dessa educação democrática, espera-se que a produção desses recursos inclusivos venha contribuir com a formação de todos, mais especificamente os envolvidos na educação, para uma perspectiva inclusiva, em que a prática docente oportunize à todos o aprender. Partindo dessa reflexão, Pereira e Ximenes (2017, p. 93) acreditam que “professores e práticas de ensino são os fatores fundamentais para o desenvolvimento da educação inclusiva”.

Porém, as autoras ponderam que, “todos nós devemos assumir as responsabilidades, individuais e coletivas, para a criação de práticas que possibilitem a superação dos problemas enfrentados para implementar a inclusão escolar” (PEREIRA; XIMENES, 2017, p. 93). Assim, ainda que o docente seja o principal agente mediador com sua prática pedagógica, é necessário o comprometimento de todos os envolvidos na educação.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Silva, Landim e Souza (2014, p. 33) reiteram que “para que a pessoa com deficiência possa estudar com qualidade na escola inclusiva, se faz necessário atentar para que esta escola se adapte ao aluno, e não o contrário, promovendo assim um ambiente que valorize a diversidade, negando a homogeneização do ensino”. Dessa maneira, a escola deve se preparar para atender e proporcionar um aprendizado para todos, inclusive para as pessoas com necessidades educacionais especiais. Mais especificamente, o docente, que estará mediando o aprendizado do aluno, deve ajustar sua prática para que inclua aos que apresentam particularidades. Assim é imprescindível que o docente tenha conhecimentos necessários para dar condições ao aluno de aprender e que este professor possa estar integrado a uma rede de apoio que colabore na busca de soluções aos problemas encontrados no processo educativo.

Na prática docente inclusiva reiteramos que, além dos saberes necessários para tal, a utilização de recursos acessíveis é essencial para o aluno com deficiência.

A fala dos participantes abordou diretamente essa questão, em que os recursos didáticos acessíveis devem atender às especificidades do sujeito. No caso da pessoa com deficiência visual, o recurso pedagógico [...] “propõe o estímulo do tato e da audição, com a utilização de materiais com diferentes texturas, o uso de som e de explicações verbais para que o aluno passe a compreender melhor o conteúdo” (GOYA et al, 2014, p. 1175).

Uma possibilidade de tornar a aprendizagem significativa para alunos com deficiência visual é utilização de didáticas multissensoriais (RIZZO; BORTOLINI; REBEQUE, 2014, p. 194). Conforme os autores, o conhecimento seja ele qual for, não pode ser dissociado da realidade do aluno e em se tratando do aluno cego, estes devem conter elementos perceptíveis aos canais sensoriais para sua apropriação. Sobre esse ponto, escolhemos os materiais buscando sentir as diferentes texturas, antes que estas fossem aplicadas nos materiais a serem produzidos.

A busca pela inclusão educacional dos alunos com deficiência foi o que impulsionou os envolvidos no projeto da exposição tátil, por isso, essas discussões são necessárias, pois não é o fazer por fazer. É o fazer consciente, em que valores, concepções, motivações, entre outros aspectos, que constituem e são constituintes de cada sujeito no seu contexto histórico e cultural.

Na figura 1, apresentamos algumas imagens do processo de construção da exposição tátil e alguns bolsistas que participaram desse momento de aprendizagem e de colaboração para inclusão.



Figura 1 – Fotos de elementos da exposição tátil e de bolsistas participantes

Fonte: Acervo de imagens NAC-UFAL

Descrição da Figura 1(da esquerda para a direita; de cima para baixo): Reunião dos bolsistas para no NAC-UFAL para definição dos materiais a serem utilizados no projeto; bolsista posando para a foto exibindo a figura do paralelogramo planejada; colagem na bola com papel seda na cor azul, com textura rugosa; início da colocação das texturas no mapa mundi; mãos fazendo colagem usando juta².



Figura 2 – Fotos de elementos da exposição tátil e de bolsistas participantes

Fonte: Acervo de imagens NAC-UFAL

² Fibra grossiera tirada de uma planta tiliácea que se cultiva na Índia, Paquistão e Brasil, e da qual se fazem sacos, especialmente para cereais. (83) 3322.3222



Descrição da figura 2: Três bolsistas estão recortando os moldes para o mapa mundi, com a colagem das texturas.

Considerações Finais

Considerando os relatos dos bolsistas envolvidos no processo de construção da exposição, observamos que a temática **inclusão** é a essência de suas falas, seja se colocando no lugar do cego ou pensando em estratégias pedagógicas inclusivas ou outro. Também, destaca-se a ideia que a inclusão é o que motiva todo o trabalho do grupo.

Constatamos ainda no discurso emocionado de cada bolsista que a construção da exposição foi além de uma produção pedagógica. Ficou estampado a satisfação que esse trabalho trouxe para cada um dos envolvidos.

Foi um trabalho desafiador em que cada bolsista se dedicou e aprendeu, superando suas dificuldades, tornando assim a exposição tátil um elemento de formação.

O trabalho em equipe foi evidenciado desde sua idealização e persistiu em todo o processo, sendo esta uma característica determinante para concretização da exposição.

E, por último, ficou destacado que nesse processo de produção da exposição cada bolsista constituiu e foi constituinte de novas significações.

Referências

APPLE, Michael W. **Educação e Poder**. Tradução de Maria Cristina Monteiro – Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**; tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. - São Paulo: Edições 70, 2011.

DOMINGUES, Celma dos Anjos et al. A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: **os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza; Universidade Federal do Ceará, 2010.

GOYA, Pedro Ryô de Landim y; et al. Materiais didáticos de ciências e biologia para alunos com necessidades educacionais especiais. **Revista SBENBIO**, Niterói, Rio de Janeiro, v. 1, n. 7, p. 1-12, 2014. Disponível em <<https://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0370-1.pdf>>. Acesso: 30 mai 2018.

LUSSEYRAN, Jacques. **Memórias de Vida e Luz**: A autobiografia de um herói cego da Resistência Francesa. Tradução de Heinz Wilda – São Paulo: Antroposófica, 1995.

NUNES, Sylvia da Silveira; LOMÔNACO, Fernando Bitencourt. Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)** Volume 12

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Número 1 Janeiro/Junho 2008, 119-138. Disponível em
<<http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a09.pdf>> Acesso: 17 mai 2018.

PEREIRA, Bruna Fernanda Pacheco; XIMENES, Lenir Gomes. educação inclusiva: um olhar do educador da escola pública. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.4, n. 1, p. 89-104, 2017 - Edição Especial. Disponível em
<<http://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/7332/4642>>. Acesso: 29 mai 2018.

RIZZO, A. L.; BORTOLINI, S.; REBEQUE, P. V. S. Ensino do sistema solar para alunos com e sem deficiência visual: proposta de um ensino inclusivo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 1-14, 2014. Disponível em
<<https://seer.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/2492/1892>>. Acesso: 31 mai 2018.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualit@s Revista Eletrônica** ISSN 1677 4280 Vol.17. No 1 (2015). Disponível em
<<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>>. Acesso: 25 jun 2018.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. Orientações didáticas para atuação pedagógica junto a estudantes com deficiência visual, no ensino superior. **Inclusão no ensino superior: docência e necessidades educacionais especiais/Organização Francisco Ricardo Lins Vieira de Melo**. – Natal: EDUFRRN, 2013.

SILVA, Tatiane Santos; LANDIM, Myrna Friederichs; SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. A utilização de recursos didáticos no processo de ensino e aprendizagem de ciências de alunos com deficiência visual. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias** Vol. 13, Nº 1, 32-47 (2014) 36. Disponível em:
<http://reec.uvigo.es/volumenes/volumen13/REEC_13_1_3_ex710.pdf>. Acesso: 30 mai 2018.